

leozinuai



outrojeito

um mochileiro e suas vivências  
pelo sudeste brasileiro

Leonardo Silva Miguel

Copyright 2024 Leonardo Silva Miguel

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e / ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios - tangível ou intangível - sem o consentimento escrito do autor.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei número 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Quando a pandemia começou eu estava morando em Nepomuceno, cidade do interior de Minas Gerais, não muito longe da minha cidade natal, Santana do Jacaré. Faltava menos de um ano letivo para terminar o ensino médio no Cefet, envolvido em um projeto de produção de máscaras, uma casinha ajeitada não muito longe da escola e quase concluindo o curso de Redes de Computadores.

Isolado, sem aula presencial, poucas expectativas sobre a vida voltar a ser como era antes, hoje sabemos que nunca volta e que sempre temos que nos adaptar aos acontecimentos do mundão da nossa maneira.

Decidi que não ia esperar pra ver o que ia acontecer e precisava fazer algo que me tirasse daquela angústia de não ver a vida acontecer da forma como eu gostaria.

Sempre moldei a realidade à minha maneira, por que agora seria diferente?

Queria fazer algo diferente, que de alguma forma me trouxesse respostas, respostas essas que minha alma necessitava e clamava todas as noites.

Decidi fazer um mochilão pelo litoral, o mar sempre me atraiu e quando era mais novo minha mãe sempre dava um jeito de guardar a pouca grana que sobrava para fazermos uma viagem de fim de ano.

Queria viver por um tempo de forma livre pra me conhecer melhor, viver mais perto da natureza, aprender algumas coisas, conhecer culturas diferentes e me colocar a prova também vivendo no improvisado, sem rotina, padrões e julgamentos.

Lembro de ter assistido On The Road, foi ali que conheci o velho Jack, uma das mentes brilhantes da Geração

Beat, os mochileiros da década de 40. Esse filme despertou um grande interesse pelo estilo livre de ser, pela aventura, viver de fato e fazer a vida acontecer.

Queria viver uma parada parecida, mas queria ter os itens básicos pra estrada, e ter uma reserva para caso de emergência. E o resto a ideia era viver no improvisado, conforme o vento fosse soprando.

Parei com a produção das máscaras e voltei pra minha cidade de origem, Santana do Jacaré. Precisava fazer uma grana pra comprar um mochilão, uma barraca, montar a reserva e pagar o plano da WorldPackers para viver uma experiência de voluntariado na estrada.

Pra juntar esse dinheiro decidi abrir uma pizzaria, mas só tinha 100 reais pra investir, chamei um amigo que tinha mais 100, 200 conto tinha que dar, não tinha outra opção.

Comecei a fazer o lançamento 1 semana antes da inauguração, trabalhando o marketing e plantando a semente, pegamos o forno e o bujão emprestado da mãe dele. Fomos até Campo Belo e compramos 200 reais de produto para fazer as pizzas. Aprendi a fazer a pizza pelo YouTube, ensinei ele, que já tinha uma base para trabalhar com pizzeria e aguardamos até a inauguração.

Muitos amigos compartilharam sobre a inauguração nos stories, gratidão a todos vocês, a noite foi um estouro. O celular não parava um minuto, muitos pedidos, nem tínhamos tantos ingredientes assim, as entregas atrasaram um pouco, mas no final deu tudo certo, infelizmente não consegui atender todo mundo era só o primeiro dia, não esperava tamanha repercussão.

Fiquei feliz e seguimos trabalhando o final de semana todo, encerramos na segunda e voltei a trabalhar o marketing para o próximo final de semana.

Meu parceiro não quis continuar, tinha outros trabalhos em paralelo e tava ficando puxado. Porém, eu não podia deixar a parada morrer, era o meu que estava em jogo.

Chamei meu primo pra me ajudar, ensinei ele a fazer a pizza também. Voltei à cidade vizinha, compramos um forno usado por 200 conto e mais 200 de ingredientes. As próximas semanas ocorreram tudo da melhor forma, tudo se encaixou.

Repetimos o processo por 3 meses e eu já tinha tudo que precisava pra cair na estrada. Já era primavera, a melhor época para começar uma viagem, juntei minhas

coisas, despedi da minha galera e parti  
rumo ao desconhecido.

Minha primeira parada foi Lavras, aluguei um quarto em uma república de 7 pessoas, só gente fina, foi uma boa rotina. Acordava às 7, sempre tinha alguém pela casa, se preparando para o dia, trabalho, faculdade ou para um dia off. Tomava meu café e caia pra pista pra vender paçoca na rua, pessoal de Lavras muito receptivo, meu parceiro me ajudava a filmar para o youtube, vendia o dia todo, voltava pra casa e sempre tinha alguém para um dedo de prosa, era uma vida boa.

Uma das amigas da república me levou para um ritual de ayahuasca junto com seu namorado e mais um dono de uma lanchonete. Fomos para um sítio, isolado da civilização, muita natureza, árvores antigas, coqueiros e ipês. Nos sentamos ao redor da fogueira, muitos instrumentos indígenas, estátuas e as medicinas.

O ritual começou com instruções sobre o roteiro da noite guiada por um xamã com um olhar puro e calmo. Tomamos a primeira dose da medicina e começaram-se os hinos. Eram 150, que ele mesmo tinha escrito em uma noite com a força da medicina em seu pequeno quarto. À medida que a noite foi rolando, os ventos pareciam mais intensos, a lua mais forte e as vozes ressoavam mais. Todos os sentidos muito aflorados. Suas canções nos guiavam e faziam com que não nos desviássemos do caminho.

A primeira pausa foi para uma meditação guiada por ele mesmo, meditação da águia dourada, não consigo reproduzi-la em palavras mas me lembro bem de algumas cenas.

Volta para as canções e em seguida pausa para mais uma dose da medicina. Já